



entrevista com

DYEGO VIOLEIRO

Entrevista com Onício Rosa da Silva (Dyego Violeiro), músico e construtor de violas. Nascido em Bom Jesus do Prata, Frei Inocência-MG, em 01 de maio de 1971. Entrevista realizada na sua oficina de luteria, em Ceilândia-DF, dia 09 de fevereiro de 2018. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Sara de Melo, Daniel Choma e Tati Costa.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Projeto

VIOLA central

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



Domingos: Você é natural de onde?

Dyego: Eu sou de Minas Gerais, de uma corruptela chamada Bom Jesus do Prata. Um povoado bem pequenininho mesmo, no município de Frei Inocêncio, Minas Gerais. E sou registrado em Mathias Lobado, é uma cidade bem do lado. É um interiorzão bem roceiro mesmo, a nossa região. Cidadezinha onde meus pais residem até hoje, uma corruptelazinha daquelas bem pequeninhas mesmo, lugar bem gostoso.

Domingos: Você nasceu na área rural?

Dyego: É, eu nasci na área rural. Meu pai trabalhava em fazenda, eu nasci em fazenda. Aí sequencialmente a gente mudou pra essa corruptela onde eles residem até hoje. Meus parentes, meu irmão mais velho e meus pais, moram lá.

Domingos: E lá você viveu até quando?

Dyego: Lá eu vivi até meus 21 anos. E aos 21 anos eu vim pra Brasília. Mas lá a gente já tocava, meu pai e minha mãe cantavam. A história começou com o seguinte: meu padrinho de batismo tocava violão, meu pai e minha mãe cantavam naqueles bailes de roça, aquelas brincadeiras de roça. Meus irmãos mais velhos foram aprendendo com meu padrinho de batismo, aprendeu lá aquele violão da roça mesmo e foi crescendo. A gente foi aprendendo, todo mundo aprendendo com o outro, sem ninguém ensinar. Acho que já estava no sangue e acho que eu sempre fui o mais apaixonado por isso. A gente cantou muito tempo lá, eu mais com o meu irmão. A gente tinha uma dupla, dupla de criança. A gente cantou em comício, fez vários shows naquelas bandas lá. Depois que ele ficou adulto, veio pra Brasília - e eu também. Aqui eu conheci vários companheiros, sempre na música. Onde eu tive contato com a viola foi aqui em Brasília. Lá tinha viola, mas muito pouco. E aqui em Brasília, quando eu conheci a viola, foi aquela paixão. Parece que era aquilo que eu estava procurando.

Domingos: E lá, você lembra se tinha Folias de Reis?

Dyego: Tinha, tinha Folia de Reis, Folia do Divino. E tinha um pessoal de lá da cidade mesmo que fazia os giros lá nas roças, na cidadezinha, nas casas. A gente sempre teve essas coisas bem roceiras, bem próximo da gente. A gente às vezes participava, os amigos participavam, girava junto às vezes. Na época eu era um pouco criança, quando ainda tinha lá, mas eu me lembro muito bem que o pessoal ia e participava junto.

Domingos: E dessa época, você tem a lembrança de ver a viola?

Dyego: Não, eu tenho lembrança. Tinha um senhor chamado senhor Diolindo, era o senhor que mais tocava viola lá na região, inclusive acho que só era ele que tinha viola. E ele tocava nas Folias, às vezes eles saíam com a Folia, ele que tocava viola. Os outros batiam caixa, aqueles negócios e violão - e ele tocava viola. O que eu me lembro da viola assim lá na região, na época, na cidadezinha lá, é só o senhor Diolindo. É o único que eu me lembro que

tocava viola. Ninguém mais tinha contato com viola naquela época ali, naquela nossa regiãozinha nossa lá.

Domingos: E quando você vem para Brasília, onde vai morar? Como foi a chegada?

Dyego: Eu cheguei em Brasília no dia primeiro de maio, por coincidência dia do meu aniversário. Dia primeiro de maio de 1991. Eu fiz meus vinte e um anos viajando pra cá. E aí comecei a trabalhar. E tocando violão, que eu já tocava violão desde criança, desde os seis anos. A gente ficou amigo de um amigo do meu irmão, e tocava violão todo final de semana lá na casa dele. Ele falou assim, rapaz, se você conhecer o meu pai, meu pai toca viola, se você conhecer você vai ver o que é um velho que toca uma viola bonita. Eu fiquei louco e falei, cara, me mostra esse senhor logo, que eu quero entrar em contato, eu quero ver. O nome dele é Tião Violeiro, acho que já até falamos sobre ele. Aí no final de semana a gente foi lá dar um passeio lá e seu Tião me mostrou a viola. É aquela coisa... Sabe quando você bate o olho assim no instrumento? Você sabe como? Aí ele tocou, eu fiquei louco, fiquei apaixonado pelo instrumento, gostei demais, a gente cantou e tal. Aí ele falou: rapaz, compra uma viola pra você e vamos fazer aula, vamos estudar. Aí na outra semana já comprei uma viola. Eu não sabia nem afinar e levei lá, ele afinou pra mim e fiz aula com ele. Então meus primeiros acordes de viola, minha primeira topada mesmo com a viola foi com Tião Violeiro, ele que me instruiu, afinou, me ensinou a tocar. E aí a gente já tem aquele negócio da música no sangue, a gente vai deslanchando. E estamos aí, grudado até hoje. Aí não soltei mais não! *[Risos.]*

Domingos: O seu Tião Violeiro morava onde?

Dyego: Ele reside no mesmo local hoje, na QN J, aqui em Brasília, lá em Taguatinga Norte. Na época eu morava em Sobradinho. Aí eu vinha de lá aos finais de semana, ia lá só pra ele me passar alguma coisa. Depois que eu mudei pro P. Sul, aí eu comecei a fazer aula mais sequencial com ele.

Domingos: E como era a questão da viola nessa época aí?

Dyego: Eu conheci o seu Tião foi mais ou menos 1993, 92, por aí. Aquela época viola ainda era um pouco sumida, o povo tinha um preconceito maior. Hoje ainda existe um pouquinho de preconceito, mas o povo tinha um preconceito bem maior. Então era época que estava despontando Tião Carreiro e Pardino, Zé Mulato e Cassiano, na época estava fazendo muito sucesso aqui em Brasília e no Brasil inteiro. E foi uma época muito boa pra apreender o instrumento, porque estava chegando com toda a força a viola. Apesar dos preconceitos eu achei que ela chegou com bastante força dessa época pra cá. E foi uma época boa porque o que eu aprendi, a gente está mostrando até hoje, entendeu? Então está valendo até hoje. Dessa época pra cá todo mundo conseguiu mostrar mais o trabalho de viola, de violeiro, de música caipira em geral, de regional. E foi muito legal, está sendo assim muito especial até hoje pra mim.

Domingos: E de professores de viola, fora o seu Tião, tinha outras pessoas?

Dyego: Olha, na época, o seu Tião é um dos pioneiros aqui de professor de viola. Na época só tinha o seu Tião Violeiro e o Reis Moura, que eram os mais conceituados aqui. E o Roberto Corrêa naquela época também já estava dando aula, já estava pesquisando, já estava na ativa. Mas os mais assim, no gênero bem caipira, é o Tião Violeiro e o Reis Moura, na época. Eram os mais cotados aqui, os que mais se ouvia falar, entendeu? A gente ouvir falar de professor era o Tião Violeiro e o Reis Moura. Aí depois foi aparecendo mais gente mostrando trabalho, mais professores, mais interessados.

Domingos: E nesse período você foi formando duplas caipiras também?

Dyego: Depois que eu aprendi a viola, fiquei um bom tempo tocando, aprendendo. E quando foi em 1999 eu fiz a minha primeira dupla aqui em Brasília. Cantava sozinho por aí nas festinhas e tal. Às vezes até dava uma canjinha em algum local. Em 99 eu fiz uma dupla, foi Dyego e Karley Uma dupla que destacou bastante, na época a gente chegou mostrando trabalho novo. E que a gente foi conhecer mesmo o mundo da viola, o Karley já era veterano na música assim. Embora viola mesmo assim não era o estilo que ele tinha, que ele cantava e tal. Mas aí eu cheguei com ele, a gente fez um repertório legal, a gente mesclava umas músicas tipo Trio Parada Dura, Gino e Geno, e colocava um repertório da viola também. O pessoal gostava, a gente fazia tudo isso de viola, fora os modão caipira mesmo. Essa dupla durou até 2007, nós gravamos dois CDs, um CD chamado “Saudade de Minas Gerais” e o nosso último trabalho “Coração não manda em mim”. A gente considera nosso cartão de visita e que mostrou a nossa cara mesmo, de Dyego e Karley. E “Coração não manda em mim” foi nosso último trabalho. Aí ele resolveu parar, aí eu fiquei um tempo sem tocar na ativa. Eu comecei a tocar baixo pro Vanderley e Valtecy, pro Zé Mulato e Cassiano, na época a gente era muito amigo e tal... E nos ensaios do Vanderley e Valtecy eu conheci o Gustavo. O Gustavo tocava com eles, fazia violão dobrado com eles lá e a gente conheceu. Aí eles falaram: “olha, pra você não ficar parado, Dyego, vai cantando umas modas mais o Gustavo aí, brincando aí”. A gente começou a cantar, foi crescendo aquele interesse e todo mundo percebeu que estava um timbre gostoso, de vozes assim, de violeiro, aquele entrosamento gostoso, aquele entrosamento legal pra moda caipira. E a gente foi ensaiando, ensaiando, aí um dia o pessoal cobrou: vocês tem que fazer uma dupla, a dupla está muito boa. Aí eu falei não, de repente não é isso que o rapaz quer e tal. Aí a gente foi dando um tempo assim, tocando sempre, aí um dia ele pegou e me chamou, falou: “olha Dyego, se você quiser a gente faz uma dupla mesmo, assim, pra oficializar mesmo, assim: Dyego e Gustavo. O que você acha?” Eu peguei, expliquei, falei: “olha, o negócio é o seguinte, eu gosto de música caipira, eu gosto de viola, é isso que você quer? Talvez não seja esse o caminho que você está querendo”... Na época ele era novinho, tinha quinze pra dezesseis anos, ele falou: “não, é isso mesmo que eu quero, eu gosto de viola, carreira que eu quero seguir é como violeiro, repertório totalmente caipira, raizão mesmo assim”. Falei: “tá, então vamos, a gente vai trabalhando, vamos vendo o que dá”. E hoje, graças a Deus temos um bom tempo que a gente está junto tocando viola. A gente faz show pelo Brasil e programas de TV, rádio... A

gente já tem um nome bem conhecido, graças a Deus. Estamos gravando agora nosso primeiro CD, pelo FAC, é bom lembrar isso. A gente já está terminando e daqui um mês, um mês e meio, esse CD está chegando por aí. E está aí a cara do Dyego e Gustavo, bem sertanejo, bem caipirão. Estamos junto aí.

Domingos: E essa escola de violeiro, por exemplo, que toca em dupla e violeiro solo, é diferente?

Dyego: Olha só, o violeiro dupla é porque isso vai muito de gosto, é dueto, a gente gosta de dueto. Por exemplo, eu acho que não conseguiria ser um violeiro solo, porque sinto falta de dueto. Eu gosto muito, aprecio muito os violeiros solo - a gente fala violeiro solteiro. Os violeiros solos, cantar, tocar, aquelas habilidades todas. Mas eu acho que não seria um violeiro desse naipe. Eu sinto necessidade de uma base, de uma segunda voz, de uma primeira voz, uma coisa assim. Admiro muito os violeiros solos porque eles fazem tudo, eles criam, eles fazem a base junto, já faz as introduções ali... Acho bem complicado assim, se fosse pra eu executar acho que teria que aprender muito ainda! *[Risos.]* Mas eu acho massa, muito bom. Mas a diferença é o seguinte, tem violeiro que toca o mesmo repertório que a gente, violeiro solo que toca o mesmo repertório que a gente... A viola toca tudo. A viola é, como diz o nosso grande amigo Aparício Ribeiro, a viola é a célula mãe da música caipira. É bom lembrar disso: a viola toca tudo, desde o caipirão até rock se quiser, a viola executa. Então a nossa viola está de parabéns. Como diz o Aparício Ribeiro, “viva a viola caipira e viva o Brasil”! Bom demais!

Domingos: E você também começou a entrar no caminho da luteria?

Dyego: Então, tem aquele negócio que a gente é apaixonado desde criança por viola, música caipira, essas coisas. Então quando eu vim pra Brasília eu não tinha conhecimento de construção de instrumentos. Mas sempre fui artesão, desde criança eu mesmo fabricava meus próprios brinquedos. Eu via uma arma, fazia uma réplica de madeira. Eu fazia coisas, por exemplo, gamela, colher de pau, essas coisas pra minha mãe, brincando, mas eu fazia. Eu sempre tive muita habilidade pra construir as coisas. Então quando cheguei pra Brasília, que comecei a ter esse contato com a viola, conheci várias pessoas que tinham violas de luthier. E começou a despertar aquela curiosidade de conhecer como é que era feito o instrumento. Aí eu tive a felicidade de o seu João [das Violas Aden], fazer uma viola pra mim de pau-brasil. Foi em 2000, se não me engano. E aí comecei a visitar a luteria e achei muito interessante. E visitei outros luthiers também, é um trabalho assim que me cativou muito. Aí começou a despertar aquela curiosidade: “pô, por quê que eu não posso fazer uma viola? Quem sabe daria certo, eu fabricar um instrumento, que tal?” Mas tudo tem que ter um preparo, tem que ter um curso, alguém tem que te instruir. Eu procurei na época e não encontrei alguém que desse aula de luteria. Aí o Tião Violeiro conhecia o Bruno Balbino, que já fabricava alguns instrumentos pra ele. Ele falou: rapaz, quem sabe o Bruno Balbino te dê esse curso. E a gente foi atrás do Bruno Balbino, na época ele estava muito ocupado, fazendo muito instrumento. Ele falou: “cara, eu não tenho tempo de dar curso mais pra

ninguém.” Mas aí eu fiquei persistindo, falei: “me ajuda, eu quero”, tal... Aí ele falou: “vou abrir uma exceção pra você e a gente faz no final de semana. Você topa no final de semana?” Falei: “topo!” Aí todo sábado eu ia pra lá. Aí, o que é o curso? É você fabricar um instrumento. Ele falou: “olha, é o seguinte, eu vou te passar, vou te ensinar tudinho, mas tem umas coisas que vão do seu intuito, por exemplo o som da viola.” Na época ele não fazia viola, fazia violão. Ele falou: “sou veterano na área do violão, viola eu fiz duas violas só pro seu Tião, mas você vai me falar o que você quer do instrumento, você é violeiro”, tal... Aí a gente foi trocando as ideias e a gente foi trabalhando, trabalhando, a viola ficou pronta. Aí ele no final, falou: “e aí, como é que está o som da viola?” Quando a gente terminou, que a gente colocou corda, fez os testes... Ele falou: “rapaz, essa viola pra mim está uma viola maravilhosa”. “Eu tenho uma coisa pra te falar, bicho”. Eu falei: “o que foi?” Ele falou: “olha, você me surpreendeu, eu nunca tive alguém, aluno assim, que tivesse tanta habilidade com o instrumento, na primeira vez construir um instrumento igual você.” E aquilo pra mim foi o máximo, o cara falar uma coisa dessas pra gente, então se sente bem à vontade mesmo. E dessa época pra cá, eu construí a viola, continuei tocando nela, fazendo show com ela e tal. E com a ideia de montar a minha luteria. Nem pra ganhar dinheiro, é pra satisfazer o ego de construir seu próprio instrumento. Já imaginou, que legal? Aí eu tinha esse sonho e fui trabalhando. E montei a minha luteria e hoje já estou fazendo viola aí pra todo mundo... Graças a Deus estamos trabalhando e o meu trabalho está sendo bem aceito no mercado. E eu estou muito feliz, pra dizer bem a verdade, muito feliz!

Domingos: E o que você acha que contribuiu o fato de você ser violeiro e construir também instrumentos?

Dyego: Então, eu já tive muitos elogios quanto a essa parte. O Bruno falou pra mim justamente isso aí, quando eu terminei a viola: “olha, o bom de você ser um luthier futuramente é que você sabe o que quer do instrumento.” Porque nós, violeiros, quando vamos encomendar uma viola pra uma pessoa que não toca viola, um luthier que não toca viola, você fala: “olha, eu quero uma viola assim, assim e assim”, mas eu acho que ele não tem aquele sentimento que o próprio violeiro tem, de saber o que quer do instrumento. Mas o violeiro não, o luthier que é violeiro está tirando aquilo que sempre desejou. Até marchetarias, por exemplo, que eu gosto muito, eu sou apaixonado por marchetaria. Timbre do instrumento: se eu gosto de um instrumento mais grave, digamos assim, eu sei como é que eu tiro aquilo, já aprendi como é que a gente faz. Fazendo você vai pegando experiência. Então eu acho que a diferença do luthier que é violeiro para um luthier que não é violeiro é isso, ele sabe o que ele quer do instrumento. Se o Domingos vier e falar assim: “olha Dyego, eu quero uma viola com o timbre tal. Com o timbre tal e a pegada assim e assim...” Eu sei o que você está querendo, porque sou violeiro de muitos anos, já passei por isso, então acho que fica mais em casa. Eu acho que a diferença seria essa, porque o violeiro sabe o que o outro violeiro está querendo do instrumento dele.

Domingos: E depois tocar na própria viola que você fez?

Dyego: É uma coisa muito boa, uma coisa muito gostosa, tocar no seu próprio instrumento. “Pô, estou fazendo essa viola pra mim, essa é a minha”. É que às vezes você faz um monte de violas e fala: “vou tirar essa viola pra mim.” E aí acaba chegando uma pessoa: “eu te compro a viola”, como já aconteceu várias vezes. E agora você fala assim: não, eu vou fazer uma viola pra mim, é ela que é a minha mesmo. Igual o caso da minha viola. Então pra mim é uma honra tocar no instrumento que eu mesmo construí! *[Risos.]*

Domingos: Tem uma viola sua fácil aí?

Dyego: Tem sim.

Domingos: Pra mostrar pra nós...

Dyego: Claro, vou pegar. *[Pausa para pegar a viola.]* Então, essa é o meu xodó. Essa aqui é a viola que o Dyego fez pra ele. É a viola que eu toco nela hoje. É uma viola de jacarandá-caviúna que eu trouxe lá da minha terra. Meu pai tirou essa madeira pra mim, madeira já antiga, trouxe lá do mato. Ficou guardada lá em casa bem uns sete anos. Ela já era bem antiga, então é indicado: as melhores madeiras são madeiras bem antigas mesmo, madeiras bem secas, pra justamente você ter aquele timbre gostoso e pra você também não vir a ter danos com o seu instrumento. Uma madeira que não esteja totalmente seca, talvez pode te dar algum problema futuramente. Então lateral e fundo é um jacarandá-caviúna mineiro. Bom falar essa palavra, “mineiro” *[Risos.]* Lá da minha terra! E o tampo é de pinho alemão. O cavalete é de jacarandá-da-Bahia. Marchetado aqui do jeito que eu sempre quis... Como eu estava te falando, sou apaixonado por marchetaria... A escala também do próprio jacarandá, também filetada. A gente tem também as microafinações dos trastes, que é muito importante pra total segurança de afinação do instrumento. Tem também no rastilho, pra acabar de completar. E tem aqui o design da mão da viola, que é bem do Dyego luthier, marchetada, tal, braço de marfim. É a viola que está aí dando origem ao Dyego... *[Toca a viola instrumental.]* Essa é a minha viola!

Domingos: Qual que é a afinação?

Dyego: Então, a afinação que eu uso aqui é a afinação de Cebolão em Mi bemol. Afinação que eu mais o Gustavo usamos pra gente cantar porque nós não temos “aquela voz aguda”. Então é o que facilita pra gente, pra você cantar mais suave, sem forçar muito. A viola tem várias afinações, pode usar pela mesma afinação no Mi, pode usar no Ré, Mi bemol e assim sucessivamente. Fora as outras afinações que eu não tenho tanto conhecimento, que futuramente quero estudar. E o Cebolão que me dá tudo que eu quero pra música caipira, me sinto bem à vontade para tocar. As outras afinações eu quero dar uma estudada ainda, que a viola nos traz muita coisa boa. É até bom pra gente ter, diversificar repertório, fazer coisas, fazer bastante pesquisa de coisas diferentes assim, que talvez não estão no seu dia a dia, é importante.

Domingos: E o que você gosta de tocar na viola, Dyego?

Dyego: Gosto de tocar pagode, cururu, polcas, enfim, o que for de música caipira sou apaixonado mesmo pra tocar, eu gosto. E não sou radical. Sou uma pessoa que gosta de música, independente de qual gênero que for. Eu gosto da música boa pra te falar a verdade. De vez em quando o pessoal, quando está me entrevistando, pergunta se eu gosto só de música caipira. Não, eu gosto de música boa, que seja um rock, alguma coisa, ópera, mas uma coisa que seja boa. Eu não gosto de música ruim, realmente não gosto. Então não é que eu goste só de música caipira e música de viola não, eu gosto de qualquer música, qualquer gênero, porém uma música boa, que você pode ouvir, sua mulher pode ouvir, seus netos, seus pais, etc. Assim, esse tipo de coisa. Coisa bem aceitável, sendo mais específico.

Domingos: E você compõe também?

Dyego: Sim, eu tenho algumas composições. Não sou aquele “compositor todo” mas... Gosto de fazer as minhas coisas. Eu tenho pagode de viola, tenho música romântica, tenho cururu. Inclusive nesse CD, nesse álbum que a gente está terminando, tem umas quatro músicas minhas, ou cinco, se não me engano. Tem duas músicas em parceria com o Zé Mulato, o grande compositor Zé Mulato. Este é compositor mesmo, grande poeta. E a gente está gravando bastante coisa minha, se não me engano cinco músicas minhas nesse álbum. Eu gosto de estar sempre fazendo alguma coisa, compondo, é bom para você mostrar o trabalho. Música é sentimento, você faz aquilo que está sentindo, aquilo que você já viveu ou que você está vivendo. Enfim, assuntos do dia-a-dia, também é legal você colocar isso no papel e musicar.

Domingos: A natureza é um ponto pra você?

Dyego: Natureza. A maioria das minhas músicas falam de natureza, falam bem da vida rural, da roça. E eu acho que a natureza pra mim, pra nós caipiras, pra nós violeiros, é um ponto de inspiração bem rico, fala muita coisa de sertão, de amor caipira, amor lá da roça, aquelas coisas... Tudo isso é uma coisa boa da gente estar lembrando e colocando no papel e passando pra viola. Bom demais! Me sinto bastante à vontade quando vou fazer alguma coisa assim, compor falando da roça, falando de viveres da roça.

Domingos: Você já fez alguma música em homenagem a Brasília?

Dyego: Não, ainda não. Homenagem a Brasília ainda não, mas eu já tenho a ideia, estou amadurecendo a ideia, já estou pensando em alguma coisa assim tem tempo já. É porque eu sou meio pensador na verdade: primeiro vou pensando alguns assuntos pra depois passar para o papel e depois pra viola. Mas já tenho alguma ideia de falar sobre Brasília, sobre muita coisa que já vivi aqui.

Domingos: Como esse ambiente em que você vive, essa região aqui do país, aparece nas suas músicas e no seu toque de viola?

Dyego: Então, quando eu não conhecia Brasília, não conhecia o planalto central, Goiás, etcetera, eu ouvia muito falar nas músicas, que a gente escuta música caipira e fala dos

estados, fala de Brasília, fala do Goiás inteiro, do Brasil inteiro aí. Brasília o pessoal fala que é a capital do rock mas pra mim Brasília é uma capital da música da viola, cara! É um destaque tão grande de violeiros, de vários gêneros, de grandes mestres que nós temos aqui... Brasília é a capital da viola, eu considero assim. Se eu fosse falar dos outros estados talvez teria que ter muito cuidado, porque por onde eu andei aí, nessas coisas de viola, a gente foi recebido tão bem, igual a gente é recebido aqui em Brasília. Em todo lugar que você vai tocar, cantar... Nosso Brasil está rico de coisas de viola. Então é até difícil de você mencionar qual o estado mais legal na viola, que recebe a viola, porque eu já andei boa parte desse Brasil e todo lugar que a gente foi, foi maravilhoso. Então a viola está em alta mesmo, a viola está maravilhosa em todo o tempo, todo estado que eu já passei tocando aí, graças a Deus a viola foi bem aceita e o povo bem caloroso com a gente, bom demais.

Domingos: A viola ajuda na receptividade?

Dyego: Eu sempre falo que a viola abre portas. Tanto abre portas pro artista, quanto pra amizade, pra conhecimento de pessoas, pra você ganhar amigos. A viola transmite uma coisa muito boa, transmite alegria, transmite sentimento, a viola acalma. A viola é tudo na vida da pessoa. A viola serve até de remédio. Inclusive eu tenho uma música que fala sobre isso, que é a “100% caipira.” Que a viola cura paixões e até enfermidades. E eu acho isso de verdade mesmo, a viola abre portas pra amizade, pra cantoria, pra shows, pra tudo. A viola é maravilhosa.

Domingos: Como é essa moda?

Dyego: É uma moda chamada “100% caipira.” Gravei com Karley e agora estou regravando com Gustavo. É um pagode de viola.

[Canta e toca na viola caipira a música “100% caipira”, de sua autoria]:

*De volta às nossas raízes no calor do chão Brasil
Encontrei muita viola nossa cultura surgiu
No sertão ou na cidade sai poeira do catira
No som da velha viola nossa plateia delira
Não tem dúvida moçada nossa terra abençoada
Cem por cento caipira*

*Juventude abençoada o futuro do amanhã
Homem mulher e criança pessoas de mente sã
Põe a viola no peito em cima do coração
No dueto apaixonado da torina e o bordão
Não tem dúvida moçada essa viola sagrada
Protege o sertanejão*

*A viola é a majestade e governa essa nação
Somos soldados fiéis como o guerreiro violão
O seu som cura paixões e até enfermidades
Alegra o homem do campo e o povo da cidade
Não tem dúvida moçada essa viola sagrada
Braço firme da verdade.*

Dyego: Taí: “100% caipira!”

Domingos: O que é ser caipira?

Dyego: A pergunta é muito boa, ser caipira... O caipira na verdade é uma pessoa do sertão, esse é o verdadeiro caipira. Porque o pessoal fala: “música sertaneja” e “música caipira”. O que é música sertaneja? É uma música que vem do sertão, já está falando, música do sertão. Então falar sertanejo hoje, como diz Zé Mulato, é até complicado, porque tem o sertanejo novo agora, atualizado, que o pessoal pensa que é o sertanejo. O sertanejo de verdade é o caipira. A gente que nasceu na roça, que toca viola, que é totalmente do sertão mesmo, é o verdadeiro caipira. Porém, às vezes tem gente que não é da roça, mas é músico sertanejo, ou músico caipira, mas porque ele tem raízes, ele praticou talvez os antecedentes daquilo. Então ele já viveu uma parte daquilo, vai pra roça, vai curtir coisas da roça, vai pesquisar coisas da roça. Talvez ele nunca viveu aquilo quando criança mas sempre está no meio, escuta música caipira, gosta de música caipira, é um violeiro, entendeu? Então uma pessoa dessa é uma pessoa caipira. Quer dizer, tem raiz. Então por isso que falam música raiz. É porque tem aquela raiz lá do sertão, do interior. Então isso é o caipira. Tem gente que fala que é caipira mas nunca foi nem numa roça, nunca deu um mergulho num poço lá do rio, nunca tomou um leite tirado do peito da vaca, nunca fez esse tipo de coisa. Então tem que estar conectado, tem que ter uma raiz, tem que ter um vínculo. Tem que estar participando de alguma coisa, de um evento caipira, tem que estar em conexão e vivendo alguma coisa da roça, ou pesquisando. Mesmo que ele não seja totalmente da roça mas está pesquisando, buscando coisas da roça, entendeu? Então isso é ser caipira.

Domingos: Você acha que tem bastante caipira em Brasília?

Dyego: Nossa senhora! Eu que o diga! Brasília, pra mim é uma capital caipira. A maioria do pessoal aqui tem raiz caipira de verdade mesmo. E Brasília recebeu a viola e recebe a viola com muito calor. Então Brasília está repleta de caipira. O povo todo aqui praticamente é caipira. E essa caipirada aí que continue sendo mais caipira ainda, bom demais, maravilha!

Domingos: E na época que você chegou, como era Brasília?

Dyego: Brasília sempre foi uma cidade bem espaçosa. Eu acho que parece que era ainda mais naquela época. Então foi povoando mais, criando loteamentos, essas coisas, chegando mais gente. Eu sinto que hoje tem muito mais caipira em Brasília do que na época que eu cheguei, entendeu? Então por isso que eu falo, Brasília está repleta do povo caipira. Aquela

época o sertanejo mais moderno dominava bastante, não tinha aquela coisa da viola estar mais presente. E eu acho que com o povoamento chegando e tal e a viola crescendo, em alta, o povo está cada dia mais caipira, entendeu? E Brasília está cada dia mais bonita, cara, em tudo Brasília está cada dia mais bonita.

Domingos: Foi bom pra você ter vindo pra Brasília? Você pensa na sua vida antes dos 21 [anos]?

Dyego: Foi muito bom. Primeiro porque eu tive esse encontro maravilhoso com a viola. E através disso aí eu conheci muita gente, fiz muita amizade, conquistei muita coisa que eu tinha vontade. Porque além da viola realizei sonhos e tive amizades muito boas. Eu vivo num mundo em que jamais pensei que um dia chegaria. O Zé Mulato me falou uma coisa um dia e aconteceu a mesma coisa comigo. Ele disse que quando morava em Minas Gerais, era muito fã do Vieira e Vieirinha, esse povo mais antigo. Aí ouvia falar que Vieira e Vieirinha vão estar em São Paulo; amanhã vai estar em Minas Gerais; e viajando... E ele disse que pensava assim: “ei, que dia que eu vou estar tocando, fazendo show assim e viajando e tal?” E ele disse que quando menos esperou já estava viajando e muito e já era amigo do povo. E foi o mesmo que aconteceu comigo, às vezes eu ouvia música no rádio e tal, era apaixonado por música caipira, e falava: “poxa, que dia que eu vou estar tocando, fazendo show de viola?” E hoje, graças a Deus, já estou sobrevivendo da viola e fazendo show e as pessoas, que eu era fã, como Zé Mulato e Cassiano, que estão mais próximos da gente, são meus grandes amigos. São pessoas que moram no meu coração, a gente é amigo de verdade mesmo. E eu acho a nossa história bem parecida, pelo que ele me contou. Então, estou feliz demais da conta com tudo que está me acontecendo hoje.

Domingos: Eu vejo as pessoas falarem que Brasília é uma terra de oportunidades?

Dyego: Eu acredito muito nisso aí, porque é verdade. Eu já andei bastante por esse Brasil. Bem antes de eu vir pra cá eu já viajava por muitos lugares. Eu nunca tinha chegado num local que ficasse apaixonado pra ficar, entendeu? Capitais, principalmente Belo Horizonte, outras que eu já andei... Na época eu não simpatizei com o local. Brasília eu fui chegando e apaixonando. Pra mim Brasília é maravilhosa. Gosto demais daqui, não abro mão de Brasília não, Brasília é minha casa agora.

Daniel: Você também se sente candango?

Dyego: Olha, na verdade eu me sinto candango, porque na verdade o que eu ouço falar do candango é que são as pessoas que vêm de fora mesmo, que ficam em Brasília. E eu me sinto de uma forma candango também, me sinto também, eu já me sinto aqui de Brasília. Eu sou mineiro, tal, mas eu me sinto um brasileiro, um candango também. Já me acostumei demais aqui, minha vida é totalmente Brasília agora, bom demais.

Domingos: Um candango caipira? Ou um caipira candango?

Dyego: Bom, um candango caipira ou um caipira candango é a mesma coisa, então está de boa! Tranquilo! Pra mim, eu me sinto muito bem!

Daniel: Na luteria [de violas], utiliza-se algum tipo de madeira do cerrado?

Dyego: Tem as madeiras mais famosas, como o jacarandá... O que é isso? São madeiras que se destacaram mais nas pesquisas dos luthiers e de grandes pesquisadores. Então, dentre as madeiras mais conceituadas estão o jacarandá... E tem as madeiras importadas, o maple, o pinho europeu... O pessoal usa mais o pinho alemão. Na nossa flora aqui, no nosso cerrado, tem uma das melhores madeiras que a gente usa pra fazer instrumento que é o jacarandá-do-cerrado que a gente fala. É uma espécie de jacarandá, porém ele dá pequeno, mas que dá um tronco grande que dá pra você fazer instrumentos. Então nós temos o jacarandá-do-cerrado, nós temos o cedro, nós temos o vinhático. Temos o pau-ferro também, que é uma madeira muito top e enfim... Temos bastante coisa no cerrado para que você possa construir instrumentos de grande qualidade.

Domingos: Tem uma música sua que chama “Viola de pau-brasil”? Como é a história dela?

Dyego: Na época o seu João fez uma viola pra mim de pau-brasil, não é? E eu estava gravando um CD com o Karley e foi nosso último trabalho. Aliás, eu tinha essa viola há um bom tempo e falei: “vou fazer uma música falando sobre a viola.” Aí na época apareceu uma propaganda da Amazônia que tinha nos ônibus e vários cartazes aqui em Brasília, com um índio, acho que com a flecha na mão, alguma coisa, tinha escrito assim “brasileiro de raiz”. Eu achei aquilo bonito e completei a frase: “brasileiro de raiz, viola de pau-brasil”, que é o refrão da minha música que chama “Viola de pau-brasil”. Eu vou fazer um pedaço pra vocês aqui:

[Toca na viola caipira e canta a música “Viola de pau-brasil”, de sua autoria]:

*Ouvindo na voz do vento que vem lá do fim do mundo
Cantando bem duetado chego a suspirar bem fundo
Nas asas desse pagode cruzando este céu de anil
Minhas raízes profundas não foram em vão que surgiu
Brasileiro de raiz viola de pau-brasil.*

Dyego: Está aí, “Viola de pau-brasil”. Então essa música surgiu desse jeito, eu vi essa propaganda da Amazônia lá com essa frase, “brasileiro de raiz”, que era um índio. E eu completei a frase com a viola de pau-brasil, que eu tinha uma viola de pau-brasil na época e aí saiu a música “Viola de pau-brasil”, que hoje é bem aceita em várias partes do Brasil. A gente canta e o pessoal já está cantando junto com a gente, bom demais!

Domingos: Na luteria tem algum processo ou algum momento da construção que você mais gosta de fazer?

Dyego: Olha, eu gosto de tudo na realidade, mas tem aquela parte que você fica mais interessado que chegue pra você fazer, que é a parte do filetamento, da marchetaria. Eu sou apaixonado nisso aí, filetamento. A marchetaria é essa parte de desenhos, esses adornos bonitos que tem no instrumento. Eu acho que isso enriquece o trabalho e me sinto um menino brincando quando estou fazendo essa parte aqui, essa parte do filetamento, da marchetaria. Eu gosto de fazer brilhar assim, de aparecer uma coisa, desenhado bonitinho assim... Eu acho bem gostoso esse trabalho aqui, é uma das partes que eu mais gosto.

Domingos: E esses filetes você cria, mas às vezes compra, como é?

Dyego: Esse trabalho você pode estar comprando. Hoje já tem pessoas, fornecedores pra isso, mas você pode estar criando. É bem trabalhoso... Então é por isso que hoje tem pessoas que já fornecem, porque se você for fabricar uns filetes desses aqui você vai demorar um bom tempo pra fazer. Hoje não, já vem pronto, tem vários modelos. Mas você pode escolher o que você quer e você pode estar criando o seu também, sem problema nenhum. Às vezes o pessoal quer uma viola com uma certa urgência, se você for fazer um trabalho desse vai demorar mais um pouco. Então você já vê os modelos, mostra pra pessoa e o que ele gostou você já compra logo e já coloca. Não tem problema nenhum não, você pode estar criando o seu também, você pode criar seu mosaico, seu filete, você pode inventar, você vai usar totalmente a sua criatividade, entendeu? Então é uma coisa ampla pra você trabalhar. É coisa boa de se mexer, coisa prazerosa de se fazer.

Domingos: E a sua viola tem guizo?

Dyego: Então, ela tinha um guizo, mas eu acho que eu emprestei a viola pra uma certa pessoa e ela não se deu conta de que guizo caiu. Ele estava solto aqui dentro... Na viagem, alguma coisa, deve ter virado a viola e o guizo saiu. Mas eu já tenho, já estou providenciando outro, não vou ficar sem o meu guizo não! Histórias de violeiros... *[Risos.]* Mitos de violeiros! Mas a viola tem que ter o guizo, vamos manter essas tradições, coisa boa assim, sem problema nenhum!

Domingos: E qual é a função do guizo?

Dyego: Os violeiros antigos, mais experientes, falam que o guizo é pra evitar o mau olhado de violeiro, de zóio gordo, mau-olhado, mandinga, essas coisas. Na verdade eu creio que seja só um mito, mas quem acredita, fazer o quê? Então está de boa!

Daniel: Quanto tempo leva pra fazer uma viola, em média?

Dyego: Então, o instrumento, ele tem uns processos. Instrumento que o luthier vai manusear tem que preparar a madeira... Tem que ter uma madeira bem seca. A gente depende muito de umidade. Um instrumento leva em média de seis meses pra ficar pronto. Então você tem processo de colagem, você tem processo de umidade, pra você ter uma determinada umidade pra você colar um instrumento. Você vai colar lateral, fundo, tampo, essas coisas, então a umidade tem que estar boa pra você fazer isso. Se você colar com a

umidade alta demais, corre risco de estar tendo um problema futuramente. Se colar coma umidade baixa demais que é nosso caso aqui em Brasília, que às vezes chega a 15%, 12%, também é muito perigoso. Então tem que ter um equilíbrio. A partir dos 45%, de 40% até 60% é uma umidade legal pra você trabalhar, pelos estudos que a gente já fez. Mas assim, até 50, 55 é o ideal mesmo, de você estar colando o instrumento. E tem que esperar o instrumento chegar naquele ponto... Você cola, espera, aí vai fazer outro processo. E assim sucessivamente. Então é um trabalho bem artesanal, bem manual mesmo, que tem um certo tempo pra estar terminando, até chegar no ponto de tocar.

Domingos: Qual a qualidade fundamental que a pessoa tem que ter pra ser um bom luthier?

Dyego: Amor naquilo que está fazendo. Mexer com instrumento você tem que gostar. Fabricar um instrumento você tem que estar prazeroso naquilo que você está fazendo, porque o instrumento traz várias coisas boas pra gente. Você fazer um instrumento por fazer, pode ter certeza que não vai sair legal. Já vi vários casos que a pessoa quer trabalhar rápido pra entregar o instrumento, tal, aquele negócio, não adianta, o instrumento não vai sair com uma boa qualidade. E acho que também não está saindo com aquele carinho. Primeira coisa que você tem que fazer quando você faz o instrumento é como se fosse pra você. A pessoa te encomendou o instrumento... Faça ele como se fosse pra você. Você toca nele, você sente emoção de estar tocando aquele instrumento e fala: “puxa, o meu amigo vai adorar esse instrumento aqui, ficou do jeito que ele pediu, talvez ficou até melhor.” Isso pra gente é muito gratificante, você tocar no instrumento. Quando você coloca as cordas, que você faz o teste, você toca ali... Quando você sente que o instrumento te agradou, ou talvez superou aquilo que você estava querendo passar pra pessoa, cara, é maravilhoso. Então tem que ter bastante amor naquilo que está fazendo, isso é das coisas mais importantes.

Domingos: E pra ser um bom violeiro?

Dyego: Tem que gostar demais do instrumento, ser muito apaixonado, igual a gente, e estar estudando, né, cara? Viola você estuda o resto da vida. Qualquer instrumento, você não para de estudar. Eu costumo dizer que eu sou muito chato com as coisas que vou fazer. Eu faço, o pessoal fala que está bom e pra mim não está bom, parece que está faltando alguma coisa. Então a gente tem que estar sempre aperfeiçoando, buscando recursos dentro daquele trabalho que você está fazendo ali. Você tem que estar buscando fazer coisas melhores, buscando recursos que agrada mais a você e pra passar para as pessoas. Então eu acho que pra ser um bom violeiro, primeiro você tem que ter um bom instrumento. Também acho que é muito importante gostar demais e estar estudando sempre, estar pesquisando, buscando informações com os colegas, estar sempre aprendendo. Eu acho que isso é uma dica pra ser bom violeiro.

Domingos: Você também dá aulas de viola?

Dyego: Pois é. De um certo tempo [pra cá] o pessoal começou a me cobrar por que eu não daria aula de viola, violão, essas coisas. Aí eu falei, por que não? Aí eu comecei a dar aula mesmo em casa, ter os alunos mesmo em casa e estou até hoje dando aula. Eu toco, canto, eu toco, faço meus shows, trabalho na luteria e ainda dou aula. Então a viola caiu de vez assim na minha vida, sobrevivo da viola. A viola está presente em geral na minha vida.

Domingos: E como professor, é possível aprender também?

Dyego: Nossa, demais. Eu sempre falo isso pros meus alunos... Às vezes estou dando uma oficina, dando palestra e alguns eventos que tem, sempre falo isso. O pessoal às vezes me faz essa pergunta, se eu aprendo até hoje e falo: “eu continuo aprendendo, sou um aluno que não para de estudar.” Porque a gente que dá aula... Chega aluno de vários lugares do Brasil, de vários estados, de várias... Como é que fala? De várias tradições diferentes. Então às vezes chega pessoa com sotaque de viola, toca um pouquinho, que talvez pra eles... Eles não achem interessante, mas pra gente que pesquisa, pra gente que está na coisa vivendo de viola e tocando e aprendendo... Eu acabo aprendendo com eles, sei lá, um batido, sei lá, um sotaque de viola, de um cururu, por exemplo, batido de uma moda, um recortado, uma moda de viola diferente. Então a gente acaba aprendendo isso com os alunos, com pessoas tão simples que pensam que não toca nada. E tocam demais... Por exemplo, você vai num interiorzão aí de Minas Gerais, de São Paulo, Brasília... Aí você topa com um violeiro velho lá na grotta que você vai dar uma passeada, você topa com um violeiro lá, um senhorzinho tocando uma violinha... O cara toca pra caramba, com o sotaque bem gostoso, caipira bem gostoso, que aquilo faz parte, que toca em você... E que você tem que aprender, entendeu? Então você acaba aprendendo com pessoa tão simples que nem imagina que tem coisa pra passar pra gente. Eles pensam que não têm coisa pra passar pra gente e tem demais. Sempre explico isso para os meus alunos. A vida toda aprendendo. Já aprendi demais na escola, com alunos meus e em andanças também. Pessoas de interior, eles pensam que tocam pouquinho na verdade tocam demais. Até pra passar pra gente. Eu acho isso muito importante!

Domingos: Na viola a gente tem muito a figura dos mestres violeiros, não é?

Dyego: Tem, é verdade.

Domingos: Como você vê os mestres?

Dyego: Na verdade o nosso Brasil está cheio de mestres violeiros que deixaram nomes, fizeram história com a viola. E a gente ainda continua aprendendo com esses mestres. Pessoas que são mestres, falam que ainda estão aprendendo com outros mestres. A viola tem essa coisa da humildade também, de grandes violeiros se dizerem que aprendem com outros violeiros, isso é muito bom. Então nós temos grandes mestres aí cara, que são inesquecíveis, que nessa geração de agora são mestres, nas outras vão continuar sendo os mesmos mestres. Esse mérito deles ninguém tira não. É muito bom!

Domingos: Porque tem mestres conhecidos e mestres anônimos também?

Dyego: Mestres anônimos. É, e tem os mestres conhecidos, todo mundo já está sabendo mas é bom a gente lembrar, por exemplo, Tião Carreiro e Pardinho, Zé Mulato e Cassiano, Vieira e Vieirinha, Cacique e Pajé, e outros que já se foram. Então tem gente demais... Goiano e Paranaense, que começou de uma época pra cá também, que deram uma ênfase bem grande na viola. E outros mais, que se a gente for falar vai ter muito mestre que a gente não lembra. E que são conhecidos, mas a gente não lembra na hora de falar, mas tem mestre demais. E tem uns mestres anônimos né, cara? Que não é conhecido nacionalmente nem regionalmente. Por exemplo, aqui em Brasília nós temos mestres demais, que mereciam ter um reconhecimento bem maior. E seria bom a gente estar todo mundo ajudando a reconhecer esses mestres, o lugar que puder mostrar, estar mostrando, estar falando deles que é importante, é muito importante pra gente.

Daniel: Você tem algum nome pra citar?

Dyego: Eu tenho alguns. O meu professor de viola Tião Violeiro, eu gosto sempre de citar ele que foi quem me ensinou tudo na viola, a conhecer o instrumento. Às vezes tem pessoas que a gente aprende também, como o Zé Mulato e Cassiano. Eles não são aqueles professores de ensinar, mas só da gente estar convivendo com eles, a gente está aprendendo. Outros mais e que não me lembro agora... Pois sempre aprendo com todo mundo aí. E vai ter mais ainda, com certeza.

Domingos: E dentro da viola tem os ritmos, não é Dyego? Você podia mostrar pra gente como que você faz cada um deles, os principais?

Dyego: Dentro da música caipira a gente tem os ritmos que tocam mais. Por exemplo: cururu: [\[Demonstra na viola.\]](#) Esse é o ritmo cururu, um dos mais usados na música caipira. A gente tem, pra dar algum exemplo de música caipira mais conhecida, nós temos, por exemplo, "Peito sadio", cururu famoso, que todo mundo conhece: [\[Toca na viola.\]](#) Esse é um dos cururus mais tocados, que todo mundo conhece. Temos também o famoso pagode de viola: [\[Demonstra na viola.\]](#) Esse é o nosso pagodão. Dentre esses também, a gente tem o cateretê, que eu gosto muito de cateretê. Inclusive eu mesmo estou me devendo um cateretê, sou apaixonado por cateretê: [\[Demonstra na viola.\]](#) Esse é um cateretê famoso. Temos a toada, aquela coisa bem gostosa: [\[Toca na viola.\]](#) "Chico mineiro", "Chico mulato", "Cabocla Teresa". Então tem essas toadas bem conhecidas aí. Temos a querumana: [\[Demonstra na viola.\]](#) Dentre esses tem mais alguns talvez que a gente não lembra. Temos a polca também, eu gosto muito da polca, considero um ritmo bem caipira: [\[Toca na viola.\]](#) Temos o rasqueado: [\[Demonstra na viola.\]](#) Temos o chamamé: [\[Toca na viola.\]](#) Enfim, nossa música caipira é rica de ritmos, de histórias, de coisa boa. E tem mais alguma coisa, talvez eu não me lembre agora, mas tem muita coisa ainda pra se mostrar.

Domingos: Você tem composições instrumentais também?

Dyego: Não, ainda não. Eu tenho o meu sonho de fazer algumas coisas bem instrumentais, eu gosto demais, gosto demais. Não tem assim nada criado ainda, mas já estou pensando também de fazer. Talvez até no nosso próximo trabalho eu já tenha, eu vou gravar alguma coisa assim, que a gente já combinou até de fazer isso, já estou tentando mostrar alguma coisa assim instrumental minha. Eu gosto, sou apaixonado por música instrumental, gosto demais.

Domingos: Legal! E você faz uso da dedeira?

Dyego: Sim.

Domingos: Como é essa coisa dedeira e unha?

Dyego: Eu acho muito interessante a dedeira, porque pra mim ela dá um conforto. Eu já tentei ser violeiro de unha, até hoje estou tentando e nunca consegui, não me dou bem. Eu vou fazer, sei lá, os solos, parece que está faltando alguma coisa. Então eu admiro muito violeiro que toca de unha, que consegue tirar aquele som bonito com a unha. Eu não consigo, então meu instrumento mesmo, sem ser a unha, pra tocar, é a dedeira. Eu acho confortável pra mim, me sinto mais a vontade, tenho mais habilidade com ela na verdade, então é isso [*Toca viola.*] O pessoal fala de som, o som da unha e o som da dedeira. Eu acho que vai de cada instrumentista, o cara tira um som bonito ali com a unha, no pagode, no cururu, no instrumental. E o som da dedeira também é maravilhoso. Eu acho bom ver os violeiros tocar, tirar aquele som bonito com a dedeira. Eu me sinto à vontade com ela. Ambas as partes pra mim está de parabéns todo mundo que toca com dedeira, sem dedeira... É muito bom!

Domingos: Dyego, estou vendo aquela viola ali... Você poderia mostrar pra gente um pouquinho desse processo anterior?

Dyego: Sim, eu tenho. Estou trabalhando nuns instrumentos aqui, vou mostrar pra vocês alguma coisa. Eu tenho esse instrumento aqui... Um instrumento, por incrível que pareça, da mesma madeira da minha, inclusive irmã gêmea dela, que um rapaz pediu. Falou: “eu quero uma irmã gêmea da sua viola.” Falei: “beleza!” Então aqui está em fase de acabamento já, estou lixando pro verniz, já está ficando uma viola pronta. E agora é só fazer os toques finais aqui, pra fazer o verniz, colocar as cordas e meter moda pra cima aí. Aqui é uma viola que já está terminando, está faltando os trastes, está em fase de acabamento mesmo, está bem próxima do final.

Domingos: O cavalete é que vai por último?

Dyego: O cavalete é por último. Depois que você enverniza, que já está tudo pronto, você deixa o lugar dele. Depois você cola ele. Depois é só botar corda e fazer o barulho. É coisa final mesmo de trabalho. E tem algumas coisas começadas... Nós temos aqui um braço, olha. Um braço que está sendo colado aqui, as placas de enfeite aqui. Braço de cedro, ele tem aqui uma tira de jacarandá. Faz um design bonito e fortalece também o braço do

instrumento. Antigamente o pessoal não usava tensor, eles faziam isso aqui pra segurar, pra não empenar.

Daniel: E para a escolha da madeira, você tem algum processo? Como faz?

Dyego: Uma das partes mais importantes do luthier é essa parte da escolha da madeira. Pra se fazer um bom instrumento, primeiro você tem que ter um material bom. Material de primeira linha... Madeira de fundo e lateral são super importantes, tanto quanto a madeira de tampo. Foram feitas umas pesquisas que nas madeiras de tampo e fundo, o Brasil é campeão. A madeira de tampo do instrumento, que é uma madeira mais macia, o pinho europeu, o cedro canadense, esse tipo de coisa. Então aqui na nossa região brasileira estamos ricos de madeira pra fundo e lateral de instrumento. E a madeira melhor pra tampo nós temos na Europa, que hoje é pinho europeu, cedro, cítica... Mas a escolha da madeira é essencial, porque a madeira tem que ser totalmente seca e de boa qualidade. Não pode ter rachaduras, não pode ter brocas, não pode ter defeito nenhum. Nós... Alguns nós que podem interferir no som do instrumento. E a gente não usa só um tipo de madeira pra fazer instrumento, você usa até cinco tipos de madeira em uma viola, um violão. Por exemplo: o fundo e a lateral de jacarandá; o tampo de pinho alemão; as travessas você pode usar o cedro; para o leque harmônico pode usar do próprio pinho; o braço pode ser de cedro, de mogno, caixeta, marfim. Enfim, a gente tem uma infinidade de madeiras que pode estar usando no instrumento. A escala pode ser do próprio jacarandá, outros usam de ébano, braúna, ipê. Uma madeira mais escura a gente costuma usar na trasteira do instrumento. E é bom lembrar também em nenhum instrumento vai prego, essas coisas, é tudo na cola. Porque às vezes o pessoal pergunta: como é que faz um instrumento, você prega o instrumento, usa parafuso? Não, o instrumento só usa cola. Então, o instrumento, todo colado, aguenta corda ali puxando, aquele negócio todo. Então é interessante, se bem pensar é interessante. E outra coisa também que é bom a gente lembrar, conscientizar o pessoal que não está por dentro do assunto: o pessoal pensa que luthier derruba árvore pra fazer um instrumento. Não, luthier trabalha com resto de madeira. Quanto mais velha for a madeira, pro luthier, melhor o instrumento sai. Então luthier não derruba uma árvore pra fazer um instrumento, não tem cabimento. Porque pra você fazer um instrumento a madeira tem que ter no mínimo oito anos de cortada e de preparo praquilo. Então, é bom lembrar que os luthiers não trabalham com derrubar uma árvore pra fazer um instrumento. Ele trabalha com resto de madeira. Quanto mais antiga, madeira que ninguém quer mais, pedaço de madeira... O luthier aproveita aquilo pra fazer um bom instrumento.

Daniel: Qual seria a principal diferença entre um instrumento industrial e o artesanal?

Dyego: A qualidade do instrumento, a qualidade sonora do instrumento. A indústria não quer saber de dar aquele tempo... Por exemplo, se a gente demora seis meses pra fazer um instrumento. Ela não, ela faz trezentos num mês, cem, duzentos, enfim, ela faz em massa, muito de uma vez e não tem aquele negócio de preocupar com umidade, com o tempo de secagem, eles querem produzir, é linha de produção alta. E o luthier não, ele tem a

preocupação de passar um bom instrumento pra pessoa. Então ele respeita o tempo da madeira, respeita o tempo de secagem, respeita o tempo da colagem, tempo de umidade... Enfim, cada processo tem um tempo pra ser respeitado, você não pode agilizar o tempo. Então tudo isso faz diferença na qualidade do instrumento. É isso aí que o pessoal anda tendo bastante conflito com instrumento, tendo perdas de instrumento, perda de sonorização, esse tipo de coisa. Justamente por isso, porque tem que ter aquele tempo total de respeito da madeira, então não tem como acelerar o processo. Então tem que ser: aquilo é aquilo, pronto, acabou. Aí você vai ter um bom instrumento, boa qualidade de som, o instrumento vai ter uma grande durabilidade e o violero vai estar feliz, é isso aí.

Domingos: Tem diferença para o braço quando se toca uma viola artesanal e uma viola de fábrica?

Dyego: Eles, [a indústria], não têm aquele capricho pra preocupação de conforto. E o luthier pensa nisso. Se for possível às vezes o luthier até chama a pessoa, vê como é que está o braço, está gostoso, está bom, está confortável e tal. E eles não, eles já tem o modelo, já tem o gabarito deles, acho que não preocupam muito com isso, de conforto. Então a pegada do braço do instrumento do luthier é totalmente diferente justamente por causa disso, ele faz de um jeito que tem que ser confortável.

Daniel: Faz na medida do músico também?

Dyego: Na medida do músico. Tem essa vantagem também, porque nós temos músicos de vários gostos. Então o luthier tem que estar pronto, preparado pra isso. O cara fala: “eu gosto do braço do meu violão um pouco mais largo, mais cheio assim e tal”. Então o luthier faz aquilo que ele está querendo. “Ah, eu quero a minha viola com o braço bem fininho, é assim que eu me sinto mais confortável, meu dedo é pequeno, não sei o quê...” Então o luthier está pronto pra fazer isso. Outros já querem a viola com o braço mais largo, porque ele tem a mão grande, facilita pra ele. Então o luthier faz assim, de acordo com o que a pessoa está querendo mesmo, o bom é isso. O grande diferencial dos instrumentos industriais dos instrumentos de luteria é isso aí.

Sara: As plantas e animais do cerrado e a atmosfera de Brasília, aparece de alguma forma na escolha do seu repertório?

Dyego: Do repertório? Então, igual eu falei antes, não fiz ainda nenhuma composição falando sobre isso, mas já tenho na memória o que tenho que falar. Isso que você perguntou, do planalto central, plantas, o céu... O céu de Brasília, acho muito importante. Acho muito bonito o céu de Brasília e plantas de Brasília, por onde a gente anda. E você vê que tantas belezas, animais, é um bom assunto pra se compor uma música de viola. Então isso já tenho em mente e creio que no meu próximo CD vai ter alguma coisa falando sobre isso. O Aparício Ribeiro faz muito isso. Ele é um grande violero, grande compositor, e ele fala isso, fala sobre o nosso cerrado e das plantas, dos animais, etcetera e tal. Eu já tenho

alguma coisa também em mente pra fazer sim, vou fazer, pode ter certeza. Acho que estou me devendo isso... Estou devendo isso pra Brasília também! *[Risos.]*

Domingos: Dyego, se você fosse uma música, qual seria?

Dyego: Eu acho que eu seria a música caipira! *[Risos.]* Bom demais!

Daniel: Você poderia tocar uma música que te representa?

Dyego: Sim, poderia. Deixa-me pegar minha ferramenta aqui de novo. Olha, tem uma música que eu gosto muito... Quando a gente fala de música caipira a gente tem um universo, como é que fala? É vasto o repertório, é tão grande... Mas tem sempre uma que está mais presente na vida da gente sim. Eu gosto de uma moda que não me lembro o compositor... O Tião Carreiro gravou e eu acho que várias pessoas também já regravam, chama “Encanto da natureza”.

[Toca na viola caipira e canta a música “Encanto da natureza”, composição de Luiz de Castro e Tião Carreiro]:

*Tu que não tivestes a felicidade
Deixa a cidade e vem conhecer
Meu sertão querido, meu reino encantado
Meu berço adorado que me viu nascer
Venha mais depressa não fique pensando
Estou te esperando para te mostrar
Vou mostrar os lindos rios de águas claras
E as belezas raras do nosso luar*

*Quando a lua nasce por detrás da mata
Fica cor de prata a imensidão
Então fico horas e horas olhando
A lua banhando lá no ribeirão
Muitos não se importam com esse luar
Nem lembram de olhar o luar na serra
Mas esses não vivem, são seres humanos
Que estão vegetando em cima da terra*

*Quando a lua esconde logo rompe a aurora
Vou dizer agora do amanhecer
Raios vermelhados riscam o horizonte
O sol lá no monte começa a nascer
Lá na mata canta toda a passarada
E lá na paiada pia o xororó*

*O rei do terreiro abre a garganta
Bate a asa e canta em cima do paiol*

*Quando o sol esquenta cantam cigarras
Em grande algazarra, na beira da estrada
Lindas borboletas de variadas cores
Vêm beijar as flores já desabrochadas
Esse pedacinho de chão encantado
Foi abençoado por nosso senhor
Que nunca nos deixe faltar no sertão
Saúde, união, a paz e o amor.*

Dyego: É uma música bem antiga, gosto muito dela. Acho que ela parece bastante comigo. Recentemente tive a felicidade de compor uma música com o Zé Mulato, que é chamada “Cantador”. E dentre essa imensidão de música caipira, esse repertório que a gente tem, que a gente gosta, ela é uma música que mexe muito comigo. Acho que é a minha cara. Chama “Cantador”. Vou fazer um pedaço pra vocês...

[Toca na viola caipira e canta a música “Cantador”, de autoria de Dyego e Zé Mulato]:

*Nasci pra ser cantador
Mas sei que cheguei chorando
Muita gente se alegrou
Na hora que eu fui chegando
Distribuindo alegria
Prefiro viver cantando
Faz parte do meu talento
Espalhar contentamento
Mas sei que não sou isento
De chorar de vez em quando*

*Prefiro tocar viola
Cantando levar a vida
A tristeza não me amola
Há tempo foi esquecida
Na poesia rimando
É que eu encontro guarida
Aqui não existe pranto
Nem baixo astral eu garanto
Com a viola portanto
Alegria é garantida*

Eu não pretendo ser mestre

*E o bom senso me diz
que por mais alto que eu chegue
Serei sempre um aprendiz
Com meu pequeno talento
Me considero feliz
Fazendo a minha parte
Eu não escrevo descarte
É dom de Deus essa arte
E ninguém me contradiz*

*Esse dom que recebi
Faz parte da minha sina
Eu sei que veio de graça
Jóia rara, coisa fina
A beleza da poesia
Todo o tempo me fascina
Agradeço humildemente
Nosso pai onipotente
Por esse imenso presente
Da providência divina.*

Dyego: Taí: “Cantador.” Gosto muito dessa moda, particularmente.

Domingos: Como que é a parceria: vocês compõem, um faz uma parte e outro faz outra?

Dyego: A gente tem uma amizade muito grande e muita liberdade de estar mostrando coisas pro outro. Violeiro tem essa coisa: a gente pega uma amizade com os violeiros e começa a fazer uma música e mostra; faz um solo, mostra; faz uma coisa de viola, mostra. E como a gente está em sintonia, direto se encontrando, direto, aí eu falo: “rapaz, tenho uma música aqui que estou terminando, queria que você olhasse...” A gente começa a mostrar, ele mostra as dele... Aí surge aquela ideia: “vamos terminar essa moda?” “Vamos!” O que mais aconteceu foi isso comigo e o Zé [Mulato]. Às vezes ele vem aqui em casa, vou na casa dele, a gente começa a falar sobre composições, aquele assunto interessa... Ele é uma pessoa maravilhosa nessa arte, apaixonado por música caipira e pelos assuntos, a gente tem o mesmo gosto.

Domingos: E no dueto de vozes, como faz para um não entrar na voz do outro?

Dyego: A gente que tem esse negócio de música caipira no sangue, quando a gente faz música, compõe alguma coisa, parece que a melodia já está chegando junto, uma coisa divina mesmo. Então você cantou de primeira voz, ou de segunda voz, mas já está imaginando o dueto que vai estar vindo depois. Então a gente tem que tomar muito cuidado, pra passar pro pessoal uma coisa gostosa de se ouvir. Um dueto bonito, não é? Tem

esse negócio aí de não atrapalhar, entrar na voz do outro, esse tipo de coisa. Então a gente tem que tomar esses cuidados na hora de compor, na hora de estar passando pra frente, gravando e tal.

Domingos: Qual é a primeira voz e qual é a segunda?

Dyego: O povo tem até faz uma certa confusão. Porque, por exemplo, o caipira mesmo, Tião Carreiro por exemplo, a voz grave dele. Em algumas músicas aquela voz grave dele é a primeira, porque é uma primeira em oitavas abaixo. E a voz do Pardinho, que é aguda, o pessoal fala: “a primeira é do Pardinho”. Não, a voz do Pardinho em muitas músicas era a terça. A gente que é professor, que tem um pouco de teoria, esse negócio todo, então a gente detecta isso com facilidade. Então tem isso: tem a primeira, tem a primeira aguda, tem a primeira grave e tem a terça. E tem a segunda. A segunda seria, em certos estilos de música, a voz mais grave, e a voz aguda sendo a primeira, ou a terça também. Então tem isso, pra explicar pra quem não tem esse pouquinho de entendimento de teoria é até um pouco mais complicado. Mas é isso aí, às vezes o grave pode ser a primeira e a aguda pode ser a terça. Não é? Então tem isso aí.

Domingos: Sua viola tem nome?

Dyego: Não. Não coloquei nome nela ainda, não, mas já pensei nisso... O caipira tem esse negócio de batizar a viola com um nome. Eu não coloquei ainda não, mas vou colocar!

Domingos: Dyego, o que é a memória?

Dyego: Memória eu acho assim... Tudo o que você traz, aquela lembrança, aquela coisa boa, de uma certa pessoa, acho que aquilo é a memória. Memória da pessoa. Você tem recordações, coisas boas, principalmente coisas boas. Tem as ruins também, mas eu prefiro falar das boas. Então eu acho assim: tudo o que você fala com carinho de uma pessoa, de um certo assunto bom, então aquilo pra mim é uma memória. Acho que isso seria memória.

Daniel: E pra você o que é a vida?

Dyego: Então, a vida é... Eu considero a vida uma das melhores coisas. Porque o Zé Mulato fala uma coisa: essa vida... Eu gosto sempre de estar tocando, porque tem coisas que a pessoa fala que mexe com a gente. Ele fala numa moda: essa vida é passageira, mas pode ser de primeira se for bem aproveitada. Então a vida é isso. Mas você tem que saber viver pra viver bem. Viver principalmente com saúde e ter amor. Amor pelas pessoas, principalmente, por tudo o que você está fazendo, acho que com isso a vida se torna mais gostosa. Isso é a verdadeira vida, ter amor pelo trabalho, pelos amigos, sei lá, por tudo. Trabalhar pensando em amor, fazendo coisas pensando em amor, amor próprio, valorizar pessoas, valorizar trabalho, valorizar tudo, respeito, então isso é a vida. Viver bem. Estou muito feliz aqui com vocês, e o que precisar da gente estamos junto. E queria só deixar um recado aí pro pessoal da viola: que continue aprendendo, vamos continuar aprendendo porque é muito bom. E vamos continuar vivendo com amor também, porque torna a vida

mais gostosa, a gente vive bem, a gente vive mais. E vamos continuar nessa luta pela viola, nessa luta pela música caipira em geral. Como diz nosso amigo Aparício Ribeiro: “viva o Brasil e viva a viola caipira!” *[Risos.]*

Domingos: Viva! Faz um trequinho de uma moda então pra nós fecharmos, Dyego? Se tiver uma moda sua...

Dyego: Deixa eu ver o que que vou fazer, vou fazer uma moda minha... *[Toca a viola.]* Deixa eu pensar aqui uma moda que faz jus a nossa música caipira aqui, uma coisa bem nossa mesmo...

[Toca na viola caipira e canta a música “O filho do dono”, de sua autoria]:

*Sou violeiro e minhas raízes
Pode crer que é do sertão
A viola é a porta-voz
Das coisas do coração
Meu pagode é uma espada
Não sou rei não tenho trono
Não sou o dono do mundo
Mas sou o filho do dono*

*Nos rodeios consagrados
O peão tira o chapéu
Pede a proteção divina
Se benze e olha o céu
Ponteio minha viola
Olhando o mundo redondo
Não sou o dono do mundo
Mas sou o filho do dono*

*Com a viola no peito
Não tem tristeza que aguenta
De repente vai e volta
Uma paixão violenta,
A moçada no catira
Chega levanta um estrondo
Não sou o dono do mundo
Mas sou o filho do dono*

*A saudade é traiçoeira
De vez em quando incomoda
Tristeza não tem espaço*

*Me protege a viola
Meu pagode é ligeiro
E na paixão dá um tombo
Não sou o dono do mundo
Mas sou o filho do dono.*

Dyego: Aí: “O filho do dono.”

Domingos: Linda essa moda, hein?

Dyego: É. É uma das primeiras modas de pagode que eu compus, na época, na década de noventa e nove, noventa e alguma coisa.

Domingos: [Você] toca alguma música de Folia?

Dyego: Eu toco algumas dessas mais tradicionais. Nunca fui aquele folião, sou um bom apreciador, gosto demais. O que a gente gosta muito de fazer, principalmente quando tem encontro de violeiros, reuniões em final de semana, ou então familiar mesmo, quando a gente junta lá em casa, os irmãos tudo cantam, meu pai, minha mãe. A gente gosta muito de cantar Folia, brincando, e a gente canta algumas Falias dessas mais tradicionais que já está na boca de todo mundo, que todo mundo sabe cantar. A gente canta sim, gosto de cantar Folia, acho bonito, me emociona até, pra dizer a verdade.

Domingos: Tem um trequinho aí, que você lembra aí?

Dyego: Tem uma moda de Folia que eu acho bonita, que eu gosto de cantar, que tem um sotaque diferente assim que até o Trio Parada Dura regravou muitos anos atrás... Eu esqueci como é que se dá o nome dela... Enfim, eu vou cantar:

[Toca na viola caipira e canta a música “Cálix Bento”, composição de domínio público:]

*Deus te salve ó casa santa
Onde Deus fez a morada
Onde Deus fez a morada
Onde mora o cálix bento
E a hóstia consagrada
E a hóstia consagrada
De Jessé nasceu a vara
Da vara nasceu a flor
Da vara nasceu a flor
E da flor nasceu Maria
De Maria o Salvador
De Maria o Salvador.*

Dyego: É por aí, uma das que a gente canta, que eu gosto, que eu acho massa, bem caipira, bem regional. E é emocionante quando está a turma ali, aquelas vozes, todo mundo cantando, é uma coisa bem forte, pra quem gosta de música.

Domingos: E a viola é um símbolo importante, dentro das Folias?

Dyego: A viola é um marco da Folia, um instrumento sempre usado na Folia. Viola, sanfona e a caixa, dependendo do pessoal, do grupo de Folia, às vezes colocam bandolim, cavaquinho, violão também e vai crescendo para dar uma coisa bem gostosa de se ouvir. Então, tem essa coisa também de estar acrescentando alguns instrumentos. Mas a viola, a sanfona e a caixa sempre esteve presente. É o marco mais forte da Folia.

Domingos: E você tem algum relacionamento com o Clube do Violeiro Caipira de Brasília?

Dyego: Tenho sim. Eu também sou diretor do Clube do Violeiro. O Clube do Violeiro, nosso clube que sempre nos apoiou totalmente aqui em Brasília, em várias partes do Brasil também, com projetos culturais. E eu tive a felicidade também de estar no Clube do Violeiro como diretor e participar de tudo que ele nos oferece. E estar colaborando em prol da nossa viola, da nossa música caipira. O Clube do Violeiro de Brasília anda fortalecendo essa raiz.
